

FACULDADE JOSÉ AUGUSTO VIEIRA
INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LETRAS PORTUGUÊS-INGLÊS

ANDRÉA DOS SANTOS CARVALHO

A NACIONALIDADE DE SÍLVIO ROMERO COMO
CONTRIBUIÇÃO PARA A LITERATURA BRASILEIRA

LAGARTO

2008

ANDRÉA DOS SANTOS CARVALHO

A NACIONALIDADE DE SÍLVIO ROMERO COMO
CONTRIBUIÇÃO PARA LITERATURA BRASILEIRA

Monografia apresentada ao Colegiado do
Curso de Letras da Faculdade José Augusto
Vieira – FJAV, como requisito parcial para
obtenção do grau de Licenciado em Letras
Português-Inglês.

Orientador

Prof. Msc. Claudefranklin Monteiro Santos

LAGARTO

2008



INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO JOSÉ AUGUSTO VIEIRA
CURSO DE LICENCIATURA LETRAS PORTUGUÊS-INGLÊS
(Portaria MEC nº 3.020, de 23 de setembro de 2004) (f14)

ANDRÉA DOS SANTOS CARVALHO

A NACIONALIDADE EM SÍLVIO ROMERO E SUA
CONTRIBUIÇÃO PARA LITERATURA BRASILEIRA

Monografia apresentada ao Colegiado do
Curso de Letras da Faculdade José Augusto
Vieira – FJAV, como requisito parcial para
obtenção do grau de Licenciado em Letras
Português-Inglês.

Aprovada em: ____ / ____ / ____

Claudefranklin Monteiro Santos
Orientador(a) do Trabalho de Conclusão de Curso

Profª Ângela Christina Santana Andrade
Professora da Disciplina de TCC

Dedico ao meu esposo, Edson, que sempre esteve presente dando-me forças para que eu não desanimasse em nenhum momento. E aos meus queridos pais, Arnaldo e Ivaneide, que me educaram e promoveram a formação de uma personalidade digna.

AGRADECIMENTOS

Mais um obstáculo desta árdua caminhada foi superado, sei que isso não seria possível sem a ajuda de pessoas que foram essenciais em todos os momentos. Por isso, agradeço primeiramente a Deus por dar-me forças e coragem para enfrentar os momentos difíceis que encontrei em meu caminho. A todas as pessoas que amo, meu esposo Edson, por compreender-me sempre e apoiar-me nos momentos que mais precisei, aos meus pais Arnaldo e Ivaneide, por acreditarem em mim e me cobrirem de carinho e atenção sempre que necessário, aos meus queridos irmãos Anselmo e Alessandro, pelas brincadeiras e amizade que sempre preencheram minha vida e ao meu querido e amado filho que sofreu comigo nesta reta final, Felipe apesar de não poder ver seu rostinho, já te amo muito.

Agradeço as minhas colegas que da mesma forma que eu, lutaram por um ideal que hoje foi vencido. Lembrar-me-ei sempre dos momentos de angústias, alegrias, sofrimento, sucesso e conhecimento que juntas vivemos por isso, cada uma ocupa um lugar especial e posso dizer que as guardarei em meu coração.

A todos os professores que de alguma forma contribuiu pela minha formação acadêmica e profissional, em especial a Prof. Taysa Mércia pela dedicação e compreensão. Ao Prof. Msc. Claudefranklin pelo incentivo e grande auxílio no desenvolvimento do meu TCC, ele que acreditou em mim e foi responsável pelo direcionamento deste trabalho. Por fim, a todos que compõem o quadro de funcionários da instituição que com esforço e dedicação labutam diariamente para a transmissão de um ensino de qualidade.

“Escrever sem paixão é repetir, em todos os tons possíveis, as velhas frases louvaminheiras, que povoaram este país de gênios e de prodígios, de sábios e de brilhantes; gênios e sábios em alguns medíocres, que nos têm dado uns folhetins... prodígios e brilhantes alcatifando os nossos rios gigantescos e as nossas selvas seculares...”.

Sívio Romero, 1880

SUMÁRIO

1. INTRUDUÇÃO.....	10
2. SÍLVIO ROMERO E A TRAJETÓRIA DE UMA GENIALIDADE.	12
2.1 O menino e sua origem.....	12
2.2 O princípio da carreira literária do intelectual Sergipano.....	13
2.3 Sílvia Romero após sua passagem pelo Recife	15
2.4 As críticas do poeta Sergipano	18
2.5 O nacionalismo de suas obras.....	20
3. CRÍTICA E NACIONALISMO – A CONTRIBUIÇÃO DE SÍLVIO ROMERO PARA A LITERATURA BRASILEIRA.	21
3.1 As controvérsias de um crítico	24
4. HISTÓRIA DA LITERATURA BRASILEIRA E A CONSTRUÇÃO DO ESPÍRITO CULTURAL NACIONALISTA	30
4.1 Sílvia Romero e sua grande obra.....	32
5. CONCLUSÃO	40

RESUMO

Sílvio Vasconcelos da Silveira Ramos Romero, um sergipano que muito jovem dedicou-se aos estudos e iniciou sua carreira literária com a publicação de artigos acerca de literatura, filosofia e poesia popular. Sentiu a necessidade de renovar a literatura brasileira que se empenhava em disseminar o pensamento europeu. Por isso, através de um espírito patriótico, e ao mesmo tempo em busca de algo novo e original, valorizou o folclore, as lendas, os mitos, os contos, as poesias populares e o mestiço que é oriundo do cruzamento de três raças distintas, brancos, negros e índios, características fundamentais que auxiliaram o reconhecimento da identidade brasileira. Romero participou de muitos movimentos e polêmicas e obteve destaque em meio aos escritores da geração de 1870. Na defesa de suas idéias, assumiu uma caráter extremamente crítico, dessa forma atacou o romantismo, Machado de Assis, Teófilo Braga, Émile Zola, Manuel Bonfim, etc. Possui muitos trabalhos que abordam assuntos diversificados, mas dentre todos sua grande obra é *História da literatura brasileira*(1888), composta por cinco volumes bem elaborados que expõe o caráter nacionalista do autor e inicia no Brasil uma literatura diferente da que existia naquela época. Uma grande contribuição por ser um trabalho que serviu como base para novos escritores da literatura brasileira o que a faz conhecida e importante até os dias de hoje.

Palavras-chave: Sílvio Romero, Literatura brasileira, nacionalismo, culturas populares e mestiço.

ABSTRACT

Sílvio Vasconcelos da Silveira Ramos Romero, a person who was born in Sergipe, when he was very young, he dedicated himself to the studies and began his literary career with the publication of articles about literature, philosophy and popular poetry. He felt the need to renew the Brazilian literature that determined to disseminate the European ideal. Therefore, through a patriotic spirit, and at the same time in search of something new and original, he valued the folklore, legends, myths, stories, popular poetries and mestizo that comes from the junction of three different races, white, black and Indian, fundamental characteristics that helped the recognition of Brazilian identity. Romero participated in many movements and polemics and obtained prominence among the writers from the generation of 1870. In defense of his ideas, he assumed a very critical character, thus attacked the Romanticism, Machado de Assis, Teófilo Braga, Émile Zola, Manuel Bonfim, etc. He has many works that address diversified topics, but among all of them, his greatest work is *History of Brazilian Literature* (1888), composed by five volumes well prepared that show the author's nationalist character and starts in Brazil a different literature of that one which existed at that time. A large contribution for being a work that served as basis for new writers of Brazilian literature, which becomes it known and important until today.

Keywords: Sílvio Romero, Brazilian literature, Nationalism, Popular cultures and mestizo.

1. INTRODUÇÃO

Nacionalismo é um sentimento que vincula um grupo social ao espaço a que pertence, nele há uma valorização da nação, defesa dos interesses e preservação de suas origens, considerando o campo lingüístico e cultural do povo, contra qualquer fator que destrua sua identidade, ou seja, suas características e tradições, além de buscar novos caminhos para impulsioná-la a ampliar seu domínio sobre influências que não são próprias daquele determinado povo. Preocupado com a situação que as pessoas viviam, e pela carência de atenção dos que estavam no poder em contribuir com o progresso intelectual da nação, Sílvio Vasconcelos da Silveira Ramos Romero, crítico, ensaísta, folclorista, professor e historiador da literatura brasileira, decidiu analisar as origens do povo brasileiro, sua formação, idéias, política e vida social, e a partir destes fatores encontrou características exclusivamente nacionais, para dessa forma, conseguir argumentos que rejeitassem as influências estrangeiras através da formação de uma identidade tipicamente brasileira. “*Procurou valorizar o acervo de criação folclórica, as lendas, os contos, a poesia popular, no pressuposto de maior autenticidade desse material anônimo para a verdadeira interpretação da alma brasileira.*” (COUTINHO, 2002, p.43).

Nesta busca pelo novo, encontrou algo que pudesse ser distinto daquilo que já existia e percebeu no sangue dos brasileiros a descendência de indivíduos de etnias diferentes, provenientes do cruzamento de raças distintas, o que caracteriza o mestiço, pela reunião em um mesmo território de brancos, negros e índios.

Este trabalho tem o objetivo de analisar o caráter nacionalista de Sílvio Romero, através da obra *História da Literatura Brasileira* (1888), composta por cinco volumes que definem um labor intelectual de fidelíssima consolidação do conceito de que a realidade brasileira deve ser o fruto para a base literária. Com o intuito de difundir as idéias que deram início a um trabalho brasileiro, sob valorização dos aspectos nacionais a fim de mostrar a contribuição de toda vida intelectual do escritor, que se dedicou a enaltecer as culturas do país. Sílvio Romero mostrou que era possível reverter o quadro de total desinteresse pela carreira literária, e deu novo rumo à vida e à literatura dos brasileiros. Por isso, a obra tem uma contribuição de imensa importância para a literatura brasileira e isto deixa indispensável o seu conhecimento a todos os brasileiros. Por ser um grande trabalho de um brasileiro, mais especificamente, sergipano, que com sua autonomia cria uma literatura nova,

Original. Numa época em que não há estímulos para exercer tal atividade, o que “(...) *Sílvio Romero nos deixou nesse livro monumental foi a afirmação do devido poder de desenvolver uma literatura diferente da portuguesa*”. (FREIRE apud COUTINHO, 2002:49)

O trabalho está dividido em três capítulos, os quais, de forma sucinta, descrevem a trajetória do sergipano e sua contribuição para a literatura brasileira. Para isso foi utilizada uma metodologia Investigativa e analítica, utilizando fontes como: livros, artigos e revistas que abordam o pensamento romeriano e seu caráter cultural nacionalista; materiais que fundamentam a pesquisa e comprovam a veracidade do tema abordado.

O primeiro capítulo “*Sílvio Romero e a Trajetória de uma Genialidade*” foi subsidiado pelo *Itinerário de Sílvio Romero* (1944) de Sylvio Rabello, *Sílvio Romero: Dilemas e combates no Brasil da virada do século XX* (2000) de Maria Aparecida Rezende Mota, *Sílvio Romero e a sergipanidade* (2004) de Ana Conceição Sobral de Carvalho e Rosina Fonseca Rocha; *O método crítico de Sílvio Romero* (2006) de Antônio Cândido e o livro de Afrânio Coutinho *A Literatura no Brasil* (2002). A partir destas leituras foi exposta a trajetória da vida de Sílvio Romero, sua infância em Sergipe e os passos que formaram a sua intelectualidade, além das principais obras e a importância das suas discussões em torno da Identidade e da nacionalidade Brasileira.

O segundo capítulo compreende a visão crítica e nacionalista de Sílvio Romero, sob auxílio dos seguintes teóricos: Roberto Ventura em *Estilo tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil* (1991), Ricardo Luiz de Souza na *Revista de História Regional* (versão 2004). Trata-se da contribuição de Sílvio Romero no âmbito da literatura brasileira. Sob uma visão crítica e nacionalista ataca autores tanto da literatura brasileira quanto os estrangeiros, dentre eles estão: Machado de Assis, Teófilo Braga, Émilie Zola e Manuel Bonfim. Um período que serviu para organização e amadurecimento das idéias que foram aplicadas em vários campos da cultura nacional e também serviram para o surgimento de novas publicações sob um ponto de vista mais apurado.

E no terceiro e último capítulo será analisado a História da literatura brasileira, com enfoque na construção do espírito cultural nacionalista, nele dentre os autores já citados anteriormente, será encontrado o pensamento do conceituado Alfredo Bosi em e José Veríssimo. Onde se faz um esboço da situação em que o país

encontrava-se desde a colonização até a virada do século XIX para o século XX, pela limitação dos trabalhos de escritores brasileiros, por esta razão desejou criar algo nacional. Neste momento Romero percebe nos romancistas Gonçalves Dias e José de Alencar a tentativa de dar cor própria à literatura brasileira, através do indianismo e a este fato deve-se muito a eles.

A figura de Sílvio Romero, graças a sua intelectualidade e forte personalidade tornou-se importante símbolo da literatura, pois os conceitos por ele estabelecidos servem de base para outros estudiosos, como princípio gerador de novas publicações, esta herança aos demais escritores serve para explicar os processos da literatura brasileira. Dessa forma, seu trabalho é muito válido por contribuir em primeiro lugar com o diletantismo nacional e por ser um exemplo de seriedade intelectual, dedicação aos estudos literários e fidelidade a si mesmo. *“Na grande personalidade de Sílvio, foi à custa de intensa paixão intelectual, graças a imensa força de afirmação e realização que ele soube imprimir a sua marca na cultura brasileira”*. (COUTINHO, 2002, p. 49)

2. SÍLVIO ROMERO E A TRAJETÓRIA DE UMA GENIALIDADE.

2.1 O menino e sua origem

Em 21 de abril de 1851 nasceu na vila do Lagarto, uma criança da qual seu pai André Ramos Romero e sua mãe Maria Joaquina Vasconcelos da Silveira Ramos Romero puseram o nome de Sílvio Vasconcelos da Silveira Ramos Romero. Nesta época, eles nem imaginavam que dentre os dez filhos, este teria tanto destaque ao ponto de tornar-se conhecido no Brasil inteiro.

Seu pai foi um português do norte, *“oficial da Guarda Nacional e liberal exaltado, era conhecido pelo temperamento irascível, propenso às disputas políticas que degeneravam em incidentes pessoais”* (MOTA, 2000, p.32)¹. Sílvio Romero herdou do pai a crítica e o sobrenome Romero “que o pai, André Ramos, adotou sem se saber como” (RABELLO, 1944, p.18)² e que foi levado para a Corte.

Teve uma infância normal, brincou, correu e viveu momentos de intensa alegria. Foi levado ao Engenho do seu avô materno quando tinha apenas 06 semanas de nascido, para fugir da epidemia de febre amarela que causou a morte de muita gente. Foram cinco anos que marcaram a vida dele, pelos momentos maravilhosos que passou lá. Quando seu pai foi buscá-lo para iniciar os estudos na escola do mestre Badu, “sentia-se um engeitado dentro da casa em que nascera” (RABELLO, 1944, p.45). Foi um contraste muito grande, foi tirado do aconchego e dengos do avô para enfrentar uma dura realidade em Lagarto. Sofreu muito, mas estudou e preparou-se para enfrentar os exames do Atheneu Fluminense, no Rio de Janeiro, em regime de internato. Tinha apenas 12 anos quando enfrentou os exames, mas isso não interferiu na obtenção de bons resultados.

Levou de Lagarto muitas lembranças, desde os passeios a cavalo no engenho do avô até as festas da igreja, sem esquecer da cultura da terra, como a dança das taieras e os reisados.

Já no Rio de Janeiro seu objetivo estava direcionado ao curso de Direito do Recife e para isso não poupou esforços, aprendeu filosofia, retórica, poética, história

¹ MOTA, Maria Aparecida Rezende. *Sílvio Romero: dilemas e combates no Brasil da virada do século XX*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

² RABELLO, Sylvio. *Itinerário de Sílvio Romero*. Rio de Janeiro: Editora J. Olympio, 1944.

e geografia. “Mas, mesmo que não fosse muito brilhante, estudou latim, francês e inglês para enfrentar os exames da Faculdade. Por prazer, estudou espanhol e italiano com dois padres que eram também professores do Atheneu.” (FONTES 2004, p.29) ³, pois tinha interesse de crescimento intelectual e na época em que vivia o curso de Direito proporcionaria esta ascensão.

2.2 O princípio da carreira literária do intelectual Sergipano.

Tinha apenas 17 anos quando ingressou na Faculdade de Direito do Recife, muito jovem, mas rigorosamente dedicado aos estudos. Seu estilo onívoro é decerto a razão de um pouco mais tarde tornar-se um polígrafo que embora tanto tempo tenha decorrido, Sílvio Romero, até hoje permaneça.

Ao mesmo tempo em que Sílvio veio fazer seu curso, a faculdade encontrava-se no princípio de uma veemente renovação. Da mesma forma das outras instituições que atravessavam o século XIX, a Faculdade do Recife sujeitava-se a influência das idéias que vinham da Europa.

A geração de 1868 não aguardou a vida prática para tomar seu rumo, o amadurecimento deu-se ainda nos bancos escolares. Eles buscaram os autores de uma nova ciência, nos jornais de grande circulação ao invés de ficar somente na sala de aula com os livros, esta atitude distingue-os das demais gerações pelo fato serem responsáveis pela iniciativa de renovação de 1868. E Sílvio Romero participou da ação dos revolucionários que levaram a vida nacional merecida contribuição

Logo ao chegar á cidade, a que tantos motivos se ligaria para sempre, assistiu ao debate ruidoso de Abreu e Lima e de Pinto de Campos; leu os ensaios polêmicos que Tobias Barreto começava a escrever. Foram essas as mais intensas impressões de recém-vindo. Todo um grupo de românticos iniciava a sua atividade literária ao lado de Tobias Barreto: Castro Alves, Celso de Magalhães, Vitoriano Palhares, Araripe Junior, Capistrno de Abreu, Franklin Távora, Carneiro Vilela, Inglês de Souza, Domingos Olimpio, Luís Guimarães, Plínio de Lima, Santa Helena Magno, Souza Pinto. Na hora em que tantas figuras agitavam o Recife, é que Sylvio Romero sentiu

³ FONTES, Aglaé d'Ávila. “Uma visão sobre o educador”. In: CARVALHO, Ana Conceição Sobral de, ROCHA, Rosina Fonseca. *Sílvio Romero e a Sergipanidade*. Imprensa gráfica Editora Ltda, Séc, 2004

despertar em si mesmo a sua mensagem intelectual. (RABELLO, 1944, p.46)

Iniciou sua carreira literária redigindo para o jornal acadêmico “A Crença” no momento em que adotava o positivismo. E foi em 1869 que a imprensa do Recife lhes abre as portas. Começou com a publicação de artigos e aproveitou para expor suas concepções acerca de literatura, filosofia e poesia popular. Em todo o período que permaneceu na Faculdade produziu obras literárias com um estilo muito crítico publicadas em vários jornais: *O Americano*, *O correio*, *Pernambucano*, *O Movimento*, *O Liberal*, *A República*, *o Diário de Pernambudo* e *O Jornal do Recife* dessa forma ele inicia um vasto trabalho de combate ao romantismo no Brasil.

Estas críticas aos românticos do Brasil atacavam diretamente os poetas e feriam Tobias Barreto e os poetas do grupo dele. Elas tinham o intuito de encerrar o romantismo por considerá-lo como modo de falsificação do espírito nacional. A audácia do estudante causava antipatia dos colegas. Ele gostava de mostrar sua capacidade autodidata, na faculdade falava nos dias de sabatina sobre suas últimas leituras e por estas atitudes conseguiu fazer seus primeiros inimigos.

O Romantismo viu florescer entre nós um interesse apaixonado pela literatura, e o problema crítico já havia sido proposto e debatido, embora de maneira incipiente, quando entraram em campo os jovens da geração de Setenta, armados com os recursos espetaculares da divulgação científica do seu tempo. (CANDIDO, 2006, p.17)⁴

Embora somente com a publicação em *O Trabalho* de quatro ensaios de título “O romantismo no Brasil” Sílvio Romero desenvolve amplamente sua crítica, estes ensaios sofriam influência de Teófilo Braga e Antero de Quental. Romero condenava inteiramente o romantismo brasileiro. Para ele, a literatura devia constituir algo nacional de aspectos indígenas ou brasileiros e não utilizar características saturadas pelos poetas europeus, tais como: o subjetivismo e a melancolia.

Em 1870 Sílvio Romero escreve o primeiro ensaio sobre a formação étnica e isso foi de grande importância, pois até esta publicação, não se conhecia sobre a formação étnica do Brasil. Através das suas pesquisas há uma maior compreensão

⁴ CANDIDO, Antônio. *O método crítico de Sílvio Romero*. Rio de Janeiro. Editora Ouro sobre Azul, 2006

dos problemas da formação social do país, pois ele buscou as origens do povo para chegar ao processo da formação brasileira.

Uma das boas indicações de Sylvio Romero é a que se refere ao regime de trabalho como fator de miscigenação do branco e do negro em grande escala – a escravidão favorecendo as relações intersexuais, as mucamas vivendo no seio das famílias dos senhores, a estes servindo como domésticas, amas e concubinas. (RABELLO, 1944, p.88)

Ele reconheceu a importância da raça negra na formação do povo brasileiro. Enquanto os abolicionistas preocupavam-se com o escravo que era visto no negro, Sílvio Romero via-o como principal fator de miscigenação. E foi através do cruzamento da raça branca com a negra que se constatou uma transformação da cultura portuguesa no Brasil. Através do trabalho escravo, muitas mucamas que realizavam os serviços domésticos ficavam grávidas dos patrões com as suas crianças mulatas ao lado das brancas. Esta miscigenação proporciona uma modificação nas tradições, costumes e religiosidade da época. Para Sílvio Romero é lamentável que uma raça tão importante e que favoreceu a composição étnica e social do brasileiro com suas idéias, crenças, sentimentos, danças, culinária, canções e vocabulário, tivesse sofrido tanto nas mãos dos brancos e exploradores que habitavam o país.

“A princípio foi, para ele, o negro o principal elemento na formação étnica do brasileiro. Mais tarde, o mestiço o substituiu” (COUTINHO, 2002, p.44)⁵

Com o passar dos anos, Sílvio Romero presenciou a ascensão do mestiço na sociedade, vi-o ministro, senador, professor de faculdade, entre outros. Em alguns momentos ele entrava em contradição a respeito do favorecimento que a mestiçagem trouxe ao país. Como afirma Antônio Candido (2006, p.169), Ora achava o mestiçamento um bem, pois de outro modo não haveria adaptação do branco ao trópico; ora, com mais pessimismo, julgava-o um mal inevitável, quase humilhante. E ainda alegrava-se com as perspectiva de branqueamento final, teoria que ele foi o primeiro a expor no Brasil.

⁵ COUTINHO, Afrânio. *A LITERATURA NO BRASIL*. 6 ed. Vol. 4. São Paulo: Global, 2002

2.3 Sílvio Romero após sua passagem pelo Recife

Formado em Direito, Sílvio Romero, assume uma promotoria pública da comarca de Estância, mas não deixa de escrever na imprensa. Da promotoria consegue ingressar na política, eleito deputado provincial por Sergipe. Em seguida abandona o cargo e faz um discurso que provoca figuras importantes da época com *O método retrógrado e anticientífico dos nossos historiadores*. Retorna ao Recife onde se prepara para o concurso de professor do Colégio das Artes e dedica-se à elaboração de seus trabalhos iniciais acerca de etnografia e filosofia. E desse estudo lança seu primeiro livro, *Etnologia selvagem*, publicado em 1875.

Os anos passam e agora Sílvio Romero já tem 24 anos de idade, conhece uma jovem pernambucana de 15 anos, Clarinda Diamantina Correia de Araújo, conhecida entre os amigos como Dondon. Casam-se em 1876 e o primeiro filho do casal nasce em Parati, em 1877, e recebe o nome de André. Em 1879 vai para o Rio de Janeiro e passa a escrever em *O Repórter*, e foi onde nasceram mais três filhos, João, Edgar e Clarinda.

Submete-se em 1880 a concurso público para a cadeira de Filosofia, e classifica-se em 1º lugar no Imperial Colégio Pedro II com a seguinte tese *Da interpretação filosófica na evolução dos fatos históricos*.

Em 1882, já publicou diversas obras, e dentre elas *Contos Populares* em Lisboa, com notas e introdução de Teófilo Braga. *A História da literatura brasileira* (1888) e logo em seguida lança os *Contos populares do Brasil*. Sílvio Romero em suas obras possui uma característica extremamente crítica, mas dentre todas a principal foi a *História da literatura brasileira*, publicada em dois volumes quando ele tinha 37 anos de idade que expõe novas idéias e mostram um sentimento de nacionalidade. Este trabalho mostrou sua capacidade de pesquisa e investigação, pois até este momento havia poucos trabalhos no país de bibliografia, mas após sua publicação surgem muitos outros com a mesma linha de pesquisa adotada por ele. “Pela primeira vez, a história literária do Brasil foi estudada numa tão ampla extensão” (RABELLO, 1944, p.101). Uma obra que esforça-se para transmitir as maravilhas de um povo e que graças a esta intelectualidade torna Sílvio Romero forte símbolo da literatura, já que os conceitos por ele aplicados serviriam como base a outros estudiosos que utilizam as idéias romerianas como um princípio gerador de novas publicações.

Até um José Veríssimo, tenaz adversário de Sílvio, não escapou à marca das idéias por ele veiculadas. Sua obra está vinculada aos mesmos conceitos. E a própria *História da Literatura Brasileira*, escrita com o propósito de ser uma réplica à de Sílvio, não passa de um reflexo no que respeita às teorias informadoras. (COUTINHO, 2002, p.60)

Além do autor Ronald de Carvalho entre outros que embora critiquem e procurem corrigir as idéias expostas por Sílvio Romero a utilizam como base para criação de novos trabalhos que serão incluídos no campo de pesquisa da literatura brasileira.

Em 1887 conhece no estado do Rio de Janeiro Maria Liberato, conhecida como D.Vidinha, que neste mesmo ano torna-se sua segunda esposa e o dá mais três filhos: Sílvio Romero Filho, Nelson Romero e Sílvia.

Tenta ingressar novamente na política, dessa vez como Senador, mas não é eleito, motivo por uma decepção e ao mesmo tempo um fortalecimento de sua dedicação com a pesquisa e literatura. Em 1900 retorna a política, dessa vez como Deputada Federal, e dois anos após despede-se da Câmara. No período de 1905 a 1906 assume a direção do Instituto Histórico Geográfico.

Pela carreira que várias vezes iniciou na política, nota-se seu interesse pela atividade, nela buscou uma vocação que não existia. A experiência política de Sílvio Romero não foi nada fácil. Gostava de participar dos acontecimentos e movimentos que marcariam a história do país e com o “caso de Sergipe” não foi diferente. Ele desempenha um papel importante diante do caso Valadão em Sergipe juntamente com a multidão, expõe a situação lastimável que o estado encontrava-se entregue na mão de um “títere”. No ano de 1895, o caso político é ocupado pela imprensa do Rio de Janeiro, na qual passam a discutir a legalidade e ilegalidade do caso Valadão. Devido sua afeição pela escrita não deixou de expor sua opinião acerca do assunto e escreve um folhetim *A verdade sobre o caso Sergipe*.

E viúvo pela segunda vez casa-se com a sergipana Maria Petrolina Pereira Barreto, a quem chamavam de Mocinha. E deste casamento teve mais doze filhos: Aquiles, Maria, Maria Sílvia, Josefina Solita, Irene, Ruth, Osvaldo, Odorico, Arnaldo, Regina, Maria Alice e Lauro.

Suas preocupações patrióticas envolviam o imperialismo britânico dominante da época, por isso escreveu “O Brasil social” para chamar a atenção dos dirigentes

políticos sobre o perigo que o país poderia sofrer com esta situação. Como alerta de uma futura ação germânica no Brasil durante a ação imperialista das nações européias na Ásia e na África, como a Guerra dos Boers, iniciada como empreendimento colonizador, escreveu medidas na imprensa e no parlamento a fim de evitar esta ação. Estas medidas propostas por Sílvio Romero são encontradas na legislação que visa a nacionalização dos núcleos estrangeiros no Sul do Brasil, diante da ameaça que foi sofrida durante a segunda grande guerra.

A Identidade de nacionalidade Brasileira de Romero não deixou passar despercebida a tese proposta por Franklin Távora da divisão da literatura brasileira em duas metades, a literatura do norte e a literatura do sul, cada uma com sua particularidade o que causou a quebra de uma unidade literária no país. Com a escrita diferenciada o norte e o sul começaram a opor-se e com isso gerar um espírito de superioridade entre elas. Tese que mais tarde não foi vigorada.

Esta questão de quebra da unidade literária do país desagradava Sílvio Romero, já que vista entre as duas partes uma homogeneidade na paisagem cultural da nação e isso era um fator importante na definição da consciência de identidade nacional. Já que um país de tão grande extensão territorial habitada com pessoas de culturas tão semelhantes e mesma língua utilizada na comunicação fosse dividir algo tão importante que são os escritos literários.

Em um de seus livros *A Filosofia no Brasil* ele destaca as duas regiões como uma dependente da outra e para provar seu argumento, confronta dois romances escritos em províncias distintas: *As memórias de um Sargento de milícias*, de Manuel Almeida, e *Um estudo de temperamento* de Celso de Magalhães.

2.4 As críticas do poeta Sergipano

É impossível falar de Sílvio Romero e não verificar os aspectos adotados por ele relacionados a crítica literária. Autor de uma vastidão de obras sobre variados assuntos, com destaque a crítica utilizada em seus textos, um método que ele adotou por quase meio século. Seus ensaios, artigos, teses, panfletos, discursos e livros, abrangem diversas áreas de conhecimento como crítica literária, filosofia, direito, sociologia, economia, política, pedagogia e poesia sendo motivo pela qual é considerado um polígrafo. Pode-se perceber que de uma forma patriótica, a crítica

foi sua melhor atividade desenvolvida com o intuito de defender os interesses nacionais. Não poupava ninguém, sua crítica era dirigida a escritores, tendências literárias, políticos e correntes filosóficas. Atingem também figuras que atualmente são consideradas representações importantes da literatura nacional, como foi o caso de Machado de Assis. Este poeta era pobre, gago, mulato e os temas que ele explorava eram contrários aos da polêmica da época. Um homem com características físicas tão comuns, mas uma capacidade intelectual de gênio. Sílvio Romero o criticou porque as obras produzidas por ele não exaltavam a natureza brasileira, mas tinham um estilo clássico aproximado do romance de humour inglês.

Suas críticas eram dirigidas diretamente aos autores e não aos seus trabalhos, utilizando muitas vezes palavras agressivas. Sua maior censura foi direcionada a Teófilo Braga, quando Sílvio Romero escreveu *Uma esperteza: os cantos e contos populares do Brasil e o Sr. Teófilo Braga*, Romero acusava Teófilo Braga de apropriação indébita de sua classificação etnográfica e atacou-o com ofensas do tipo “malogrado copista, paspalhão togado”, etc. Já o autor de *A América Latina – males de origem*, Manuel Bonfim, foi qualificado de “estúpido e preazinho literário” porque ignorou no trabalho dele o meio e a raça na formação da identidade brasileira.

Não apenas em textos, ele dirigia-se contra as idéias e princípios que ele não concordava, mas através de caricaturas dirigidas, por exemplo, as autoridades como o imperador, religiosos, professores, livros de doutrinas, etc. Como forma de defesa acirrada da cultura tradicional brasileira.

Assim como Tobias Barreto, Sílvio Romero também induziu uma nova fase de caráter crítico, pois eles queriam estabelecer o pensamento livre, distante das influências que não eram consideradas brasileiras.

Sua crítica estendeu-se aos dirigentes políticos, jornalistas e literatos que não se preocupavam com a realidade social do Brasil, e afirmava que o atraso e a pobreza do país seriam responsáveis pela desorganização do povo no século XX. O sistema educacional também não foi esquecido, para ele a educação devia ser o reflexo das condições socioeconômicas vividas pelo povo de um determinado momento de sua história.

Na História da literatura brasileira, denunciava a omissão dos governantes, responsáveis por um imensíssimo número de

analfabetos ou incultos e por um sistema de ensino eivado de equívocos, cujo resultado era uma vida intelectual empenhada em imitar desordenadamente tudo quanto é estrangeiro. (MOTA, 2000, p. 59)

O povo da época em que Romero viveu tinha uma expectativa de vida muito curta e ele não queria que os poucos anos que fossem vividos pela população caracterizassem-se numa linha improdutiva. O índice de pobreza e analfabetismo também eram extremamente alto, então ele sonhava com uma população que tivesse melhores condições de vida, conhecimento intelectual e coragem para lutar pelos seus direitos.

Da mesma forma que criticou outros autores, também foi criticado por algumas falhas. Foi apanhado algumas vezes em contradição e exaltava-se para justificar suas incoerências. Para justificá-las ele próprio escreveu um livro a Laudelino Freire, *Minhas contradições*, onde faz uma análise dos equívocos que cometeu em suas obras. Para Antonio Candido em *O método crítico* de Sílvio Romero, o crítico deve comportar-se como crítico e jamais como sociólogo, mas não foi isso que fez Sílvio Romero, em um conceito falho das relações entre literatura e sociologia ou história. P.184. Confusões estas que Sylvio Rabello atribui ao autodidatismo, devido as leituras mal orientadas que fez no início de sua vida.

2.5 O nacionalismo de suas obras

Pretendo escrever um trabalho naturalista sobre a história da literatura brasileira. Munido do critério popular e étnico para explicar o nosso caráter nacional, não esquecerei o critério positivo e evolucionista da nova filosofia social, quando tratar de notar as relações do Brasil com a humanidade em geral. (ROMERO, 1888:3)

O nacionalismo é um sentimento de valorização da nação, que defende os interesses da preservação da identidade, levando em consideração o campo lingüístico e cultural do povo, contra qualquer processo de destruição identificatória ou de transformação. Sempre que se fala em Sílvio Romero, imagina-se logo a questão da identidade nacional, um dilema vivido por este intelectual em busca de características que projetassem a construção de uma nação, com atributos próprios, distintos de toda influência estrangeira que invadia o Brasil e contaminava os escritores daquela época.

Um ser humano marcado por uma série de tragédias desde o nascimento, de uma família pobre e bastante numerosa, quando saiu de Lagarto levou muito mais que lembranças, a vontade e capacidade de aprender sobre tudo, e devido a tanto esforço e trabalho torna-se destaque em meio a sociedade que viveu e defendeu vigorosamente das correntes teóricas daquele tempo, pelo seu desejo insaciável de mudança do cenário cultural e intelectual do país.

Ele buscou em meio a escritores que disseminavam o pensamento europeu, expressões e características que definissem os aspectos genuinamente da cultura brasileira, e ao mesmo tempo tentou mostrar os obstáculos que impossibilitavam a realização de um país enquanto nação. Por isso desenvolve seu estilo crítico e historiador da literatura. Sua infância foi um fato importante, pois proporciona o contato e apreciação das culturas populares, daí o valor atribuído a estas fontes que mais tarde o ajudaram a encontrar características da nação e elementos que serviram como base da formação nacional.

É após as publicações de Romero que as influências estrangeiras passam a não ter tanta importância e as atenções são voltadas para os problemas nacionais. Tanto a cultura popular quanto a crítica literária tem a capacidade de retratar a identidade nacional, porque para Romero é impossível formar um povo sem história e disso é que surge sua própria literatura.

Na verdade, apesar de ter cometido alguns equívocos e ser extremamente rigoroso em relação a crítica dirigida a alguns autores, ele contribuiu com uma obra monumental que abriu as portas de uma literatura original e é o que torna indispensável o conhecimento das publicações deste laborioso escritor

3. CRÍTICA E NACIONALISMO – A CONTRIBUIÇÃO DE SÍLVIO ROMERO PARA A LITERATURA BRASILEIRA.

Os anos passam e os movimentos também, cada um com uma tendência diferenciada, mas apesar de tudo, ainda hoje é necessário conhecer as teorias de um crítico Sergipano e historiador da literatura que usava sua inteligência, pesquisa, ousadia e ironia para tentar renovar os estudos sobre o país, baseado nas origens como um fator determinante da nação que marcassem a identidade do Brasil.

Através de um trabalho sério buscou características originais em meio a um povo miscigenado para distingui-lo dos demais e dessa forma defender o nacionalismo.

Embora tenha cometido alguns erros, suas obras foram lidas por muitas pessoas de várias gerações, criticadas por outros, mas não deixou de ser um grande subsídio para a literatura brasileira. Segundo Afrânio Coutinho *Essa a imensa importância de sua contribuição, e nisso está a explicação do segredo que a faz ainda hoje válida e indispensável ao conhecimento do Brasil*. Por isso, suas idéias ultrapassam além da morte e fazem com que ele permaneça vivo e presente. Apesar de ser detentor de muitas qualidades, entrou em contradição quando a princípio viu a miscigenação como característica distinta de um povo, capaz de provar sua identidade, o mesmo autor desta idéia partiu para a teoria do branqueamento da população, com justificativas sustentadas em pressupostos racistas e evolucionistas.

A solução via branqueamento proposta por Romero, passa por uma solução genética, como acentua Barel: A solução encontrada por Romero foi a teoria do branqueamento, segundo a qual, sendo a raça branca fenotipicamente dominante à raça negra, progressivamente ocorreria um branqueamento do povo, pois os genes para a raça negra seriam com o tempo inibidos deixando de se manifestar. (SOUZA, 2004, p.26)⁶

Partia do pensamento que as raças não brancas eram inferiores e devido a superioridade evolutiva da raça branca a faria predominar sobre as demais numa questão de três ou quatro séculos. A teoria ainda conseguiu prevalecer de 1870 a 1910. Neste intervalo de tempo alguns autores seguiram uma linha de raciocínio semelhante e acreditavam que o cruzamento do branco com o índio ou negro

⁶ SOUZA, Ricardo Luiz de. Revista de História Regional. Versão 2004

geraria uma raça inferior e incapaz de reproduzir, semelhante ao cruzamento do cavalo com o asno que gera o mulo. O fenômeno é uma característica própria dos animais e não deveria ser aplicado como teoria de reprodução humana, o equívoco só foi percebido com o passar de alguns anos.

Romero participou de muitos movimentos e polêmicas que o incluem no movimento crítico da Escola do Recife. Ele que foi um dentre “a geração de 1870” que numa base naturalista, evolucionista e cientificista, viu na raça e sociedade fundamentos para o estudo da literatura. Romero e Araripe Júnior basearam-se em um mesmo modelo naturalista e evolucionista. Ambos também abraçaram a crítica nacionalista o que os difere segundo Roberto Ventura em *Estilo Tropical* p.37 é que Araripe Júnior deu ênfase ao meio e seus efeitos estilísticos: destacou a obnubilação e a miscigenação, como fator de adaptação das raças e culturas aos trópicos. Já Romero privilegia a raça e defende sua idéia em *O Globo* do predomínio da mesma e rejeição do meio (solo, clima). Araripe por sua vez revidou com cinco artigos. Foi travada uma polêmica entre os dois, mas em nenhum momento nenhum deles utilizou palavras difamatórias para dirigir-se ao outro. A polêmica só finalizou porque Sílvio Romero em resposta limitou-se em repetir as afirmações que já tinha dito. Tiveram várias divergências, mas isso não foi empecilho para juntos, editarem em 1883 uma revista de crítica política e cultural, *Lucros e perdas*.

Sílvio Romero pode ser destacado como um combatente do romantismo e propagandista do abolicionismo. Estava sempre presente nos acontecimentos e transformações históricas que ficaram registradas como fatos de extrema importância para o conhecimento dos demais, como foi o caso da comemoração da abolição, ocorrida em 18 e 19 de maio, no Rio de Janeiro, este feito deu-se concomitantemente a escrita de um prólogo da sua história literária “*No momento em que traço estas linhas troa por toda a parte o ruído das festas da abolição*” (IN VENTURA, p.73), participou também de manifestações pela proclamação da república e do debate *Questões do dia* onde se dirigiu com críticas as obras de Alencar a partir de uma posição anti-romântica. Dos grandes acontecimentos que marcaram sua época não participou da comemoração da Lei Áurea porque precisava concluir seu livro. Algumas de suas obras podem ser consideradas como um reflexo das modificações pelas quais o país sofreu de 1870 a 1888, ano que marca a publicação da *História da literatura brasileira*.

Assim foi Sílvio Romero, uma figura que destacou-se pelos méritos da sua dedicação e intelectualidade, originado de uma família simples do interior de Sergipe que abriu as portas de um mundo novo para ele e o país inteiro. Pois, diante de uma consciência autônoma registrou sua marca na cultura brasileira, onde procurou valorizar o folclore, as lendas, os mitos, os contos, as poesias populares e o mestiço como importantes e fundamentais na autenticidade das teorias que identificaram a alma brasileira. Com estes aspectos ele conseguiu demonstrar a existência de uma literatura própria, com características culturais diferenciadas da literatura estrangeira adotada no Brasil.

3.1 As controvérsias de um crítico

A Faculdade do Recife contribuiu com o desenvolvimento da cultura literária, por especializar pessoas que com o passar do tempo exerceram papéis de extrema importância na construção da literatura brasileira. Abriu novos caminhos para um jovem marcado por uma infância rodeada de tragédias e ausência dos pais. Sílvio Romero possuía um temperamento muito crítico, que não o deixava quieto diante dos problemas que o rodeava.

Antonio Candido, autor de *O método crítico de Sílvio Romero* analisa as idéias romerianas dividindo sua produção literária em três fases. A primeira etapa que se estendeu de 1869 a 1879 está relacionada sua produção crítica, com destaque o ponto de vista naturalista e crítica ao romantismo. Onde apresenta as obras *A filosofia no Brasil* (1878), *A literatura brasileira e crítica moderna*. A segunda etapa corresponde a partir de 1880 quando há um amadurecimento das idéias que Sílvio tinha desenvolvido anteriormente. Nesse período busca no folclore a expressão do povo brasileiro. E diante desta maturação percebe a crítica moderna, neste momento destacam-se *Introdução à história da literatura brasileira*(1882), *O Naturalismo em literatura*(1882) e os *Estudos sobre a poesia popular brasileira*(1889). O princípio da última fase dá-se com a publicação da *História da literatura brasileira*.

No Brasil antes de Sílvio Romero havia alguns escritores que já desenvolviam a crítica, na contemporânea destacavam-se os ensaios de Gonçalves Dias, Casimiro de Abreu e Laurindo Rabelo. Havia também a crítica militante dos

jornais e revistas que se dirigiam as obras e problemas do momento. Já a *Revista popular* tinha um estilo de crítica voltada para um caráter mais informativo, este aspecto foi considerado por Sílvio Romero como crítica de transição. Por este motivo Candido inicia seu livro com a seguinte afirmativa: “Quando dizemos que, de certo modo, Sílvio Romero foi o fundador da crítica moderna no Brasil, não devemos cair no exagero de afirmar que antes dele não havia crítica brasileira” p.17 Havia uma crítica com julgamentos desgastados e surgia a necessidade de algo novo, de uma transformação até então não encontrada, pois o papel da crítica não estava sendo bem aplicado. A situação já era preocupante para os escritores, observe o que diz Macedo Soares.

Estes e outros pontos cumpria à crítica estabelece-los, se tivéssemos uma crítica doutrinária, ampla, elevada, correspondente ao que ela é em outros países. Não a temos. Há e tem havido escritores que tal nome merecem, mas raros, a espaços, sem a influência quotidiana e profunda que deveram exercer. A falta de uma crítica assim é um dos maiores males de que padece a nossa literatura; é mister que a análise corrija ou anime a invenção, que os pontos de doutrina e história se investiguem, que as belezas se estudem, que os senões se apontem, que o gosto se apure e eduque, para que a literatura saia mais forte e viçosa e se desenvolva e caminhe aos altos destinos que a esperam. (SOARES apud CANDIDO, p.38)⁷

No momento em que se manifestava pelos campos da literatura a necessidade de inclusão de novas idéias que gerassem novos discursos, novas práticas. Surgem os trabalhos de Sílvio Romero, Celso de Magalhães, Rocha Lima, Capistrano de Abreu e Araripe Júnior que mostram sinais de uma nova crítica. Dentre estes, apenas Sílvio Romero e Araripe Júnior continuaram, mas somente o primeiro destacou-se pelo desejo ardente de representar os intelectuais da sua geração. Ambos possuíam um caráter nacional definido pela reunião da raça, língua, cultura e meio físico. Eles distanciavam-se nos seguintes pontos: Enquanto Romero privilegiava a raça, Araripe Junior enfatizava o meio (solo, clima).

Sílvio Romero com o intuito de entender os problemas do Brasil, insere-se nas correntes teóricas do fim do século XIX, afim de reconstruir o pensamento crítico brasileiro. O estímulo pelas influências externas do meio e da raça evidencia a importância da mestiçagem. Sua principal intenção era encontrar uma diferença nos escritores brasileiros que lhes garantisse algo nacional. Ainda nessa intenção de

⁷ SOARES, Macedo. Instinto de Nacionalidade. In: _Crítica literária.Obras, v.29, p.132

renovação intelectual, ele escreve *A Literatura brasileira e a crítica moderna*. “Nesse livro, o seu objetivo principal é desacreditar o Romantismo, principalmente sob o aspecto indianista. O ponto de partida é o problema da raça como fator de cultura.” (CANDIDO, 2006, p.64)

Romero dizia que o crítico devia ter um grande conhecimento acerca do que analisa, no entanto não era necessário corrigir os erros, pois esse método já estava ultrapassado, podia apenas mostrar o que não devia ser caracterizado como um bom trabalho literário. Apontou alguns passos que deveriam ser seguidos pelo crítico na análise, a princípio observaria o livro, considerava-o como um fenômeno intelectual, verificava as intenções do autor, comparava os fatos ao desenvolvimento dos pontos de vista para conhecer o lugar que o escritor ia ocupar. Para ele, o crítico além de estudar os fenômenos intelectuais do Brasil, devia conhecer bem os homens que escreveram cada trabalho naquela determinada época. Com o intuito de conhecer a partir do texto literário em qual momento histórico o autor estava inserido, através das influências que tinha sofrido e apresentadas no texto.

Como já foi mencionado anteriormente, Sílvio Romero atribuiu sua crítica a diversas pessoas, além de alguns autores as figuras públicas importantes não passaram despercebidas diante dele, em “Ensaio de crítica parlamentar”, atacou os homens públicos do Brasil, devido o atraso intelectual e científico da população, com propostas de atualização cultural.

Dentre os escritores, em *O naturalismo em literatura* (1882), Romero analisou a obra crítica de Émile Zola, um autor francês, visto como um notável naturalista. Traçou um panorama histórico dos predecessores de Zola na crítica e disse que a visão dele acerca do nacionalismo era muito vaga. Embora os arquivos analisados tenham sido preparados para uma revista russa, ele não tinha mencionado nos escritos as correntes estrangeiras que havia influenciado o naturalismo na França.

O caso de Zola é típico.

Vede se ele procurou definir o que é crítica, nem sequer o que é literatura, o que é romance e outros problemas deste gênero.

O ponto culminante de sua crítica é determinar o que vem a ser Arte, da qual deu aquela famosa definição: Um trecho da natureza visto através de um temperamento, eu uma vez tive a ousadia de ampliar, juntando ao termo *natureza* a palavra *sociedade*, porque a arte, principalmente a literária, se preocupa muito mais com a sociedade do que com a natureza. (ROMERO, 1980, p. 336)⁸

⁸ ROMERO, Sílvio. *História da literatura brasileira*. 7ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1980.

Para Romero, Zola não dá importância ao humano, porém e na literatura que o humano, é um produto histórico e social, por isso a sociedade não deve ser isolada deste plano, já que sua cultura também faz parte deste propósito e não apenas os fatores naturais, pois através das suas observações o autor deve dar um sentido ao mundo.

No Brasil o crítico Araripe Júnior em *Estilo tropical. A fórmula do naturalismo brasileiro* (1888) recorreu a idéia de tropicalidade, para apontar como foi a adaptação do romance naturalista de Émile Zola. Ele valorizava a passagem da correção a tropicalidade, que moldaria o naturalismo a uma sociedade nova, como o Brasil. Em Roberto Ventura autor de *Estilo tropical* “A literatura de Zola seria, ao contrário, o fruto de uma Europa, decadente perante a sua antigüidade e condenada a perecer.”

Machado de Assis publicou em 1879 um artigo sobre a nova geração na *Revista Brasileira*, e nele abordou alguns poetas que estavam inseridos no manifesto anti-romântico, movimento pela qual Romero fazia parte. Machado de Assis também notou que o programa literário proposto pelo crítico em *Cantos do fim do século* (1878) não tinha atingido os objetivos desejados pelo próprio escritor, então, o acusou de empregar uma terminologia mal absorvida. O insulto gerou a fúria de Romero que revidou com dois artigos *lirismo subjetivista* e *humorismo pretencioso*. E por este fato, focado numa visão evolucionista e etnográfica parte de Sílvio Romero uma seqüência de censuras ao trabalho de Machado de Assis.

Em *Machado de Assis – estudo comparativo de literatura brasileira*, há vocábulos que atingiram o adversário com extrema crítica, Machado de Assis, no entanto, não revidou os insultos atribuídos ao seu estilo, e este silêncio é analisado por Sílvio Romero como uma atitude negativa caracterizada pelo atraso, indefinição, acomodação e ainda o vê como descendente das teorias retardatárias do romantismo, por não ter apreendido as novas tendências. A rejeição a crítica não se manteve em toda vida de Machado de Assis, pois foi manifestada em 1885.

Romero acusa-o de ser repetitivo e segundo ele, isso tornou a leitura de obras como Brás Cubas e Quincas Borba algo monótono e enfadonho. Analisou também o humor, a ironia e o pessimismo em Machado de Assis, e afirmava que este humor e pessimismo eram artificiais, produzidos em um ambiente fechado distante em relação ao caráter e raça do povo. Além do escritor sergipano, Veríssimo viu o humor como germânico e por isso totalmente desfocado do povo a que se referia, no

entanto valorizou a ironia Machadiana. Já Araripe Júnior definiu o humor como característico do povo Anglo-Saxão. Todos observaram as obras levando em conta o caráter nacionalista. O pessimismo foi visto pela mesma linha de raciocínio, já que o povo brasileiro não é pessimista, ele é alegre, agitado e falador. O que torna as características completamente distantes da realidade a que foram inseridas.

Romero despede-se desta fase de ataques a Machado de Assis, ao defendê-lo da crítica de Veríssimo relacionado ao caráter nacionalista, este afirma que é praticamente nulo, Por isso, não considerava Machado de Assis um escritor nacional, mas universal. Romero o defende baseado na concepção de que o nacionalismo pode ser manifestado de diversas formas, para ele o espírito nacional não estava estritamente relacionado na escolha do tema, na eleição do assunto.

Teófilo Braga não ficou de fora, foi acusado por Romero de apropriação de sua classificação etnográfica e modificação do texto original. Para defender Teófilo Braga, Fran Paxeco, um português que morava no Maranhão, escreveu *O Sr. Sílvio Romero e a literatura portuguesa*, nele atribuiu a Braga a adoção de crítico naturalista e combateu a prioridade de Sílvio Romero, Tobias Barreto e a Escola do Recife. O caso tornou-se debate e também envolveu Augusto Franco, que com uma série de artigos foi contra Braga e Paxeco. A polêmica durou quase vinte anos, até Sílvio Romero publicar *A pátria portuguesa*, uma obra de 515 páginas de ataques a Teófilo Braga.

Dentre todos os escritores criticados por Sílvio Romero, foi Machado de Assis o mais atacado, pode-se dizer que em alguns momentos usou do exagero, embora isso tenha acontecido, é impossível não reconhecer a importância de Sílvio Romero na construção de uma crítica que analisasse as manifestações culturais e literárias de forma sistemática. Onde a crítica fosse a representação do espírito humano. Exaltou-a do seu modo e com isso incomodou muita gente, embora não tenha incapacitado a análise das obras e exposição dos seus princípios teóricos. Dessa forma conseguiu elevar a crítica literária do Brasil na transição do século XIX para o século XX. Estabeleceu critérios que são até hoje de extrema importância para a literatura, movimentou suas idéias, debateu questões essenciais, temas interessantes e diversos autores; pôs o crítico em um lugar na história da literatura brasileira.

Os vinte anos que antecederam a publicação de sua grande obra, serviram para organizar e amadurecer idéias que forma aplicadas em diversos campos da

cultura nacional. Os anos passaram-se e a apuração dessas idéias serviram para novas publicações com idéias mais polidas.

Foi, no entanto, a partir de 1888, quando saiu a primeira edição da *História da literatura brasileira*, que esse traço se acentuou. Seus trabalhos passaram a se orientar sobretudo para as questões políticas e sociais, o que se anuncia no famoso “Prólogo” daquele livro. Romero, sem abdicar de sua arrogância costumeira, definia-se como um espírito amadurecido, livre do pessimismo e do rancor de seus primeiros trabalhos, e apresentava a nova obra como uma contribuição aos brasileiros num momento político e social grave, “gravíssimo”, cujos problemas eram “daqueles que decidem o futuro de um povo”. (MOTA, 2000, p. 98)

Sabe-se que Sílvio Romero dedicou uma etapa da sua vida a política, o início desta nova fase foi marcado depois da publicação da *História da literatura brasileira*. A partir desse momento são trabalhos são mais voltados para as questões sociais. E daí surge *Doutrina contra Doutrina* (1894) como uma crítica ao positivismo, *A pátria portuguesa* (1906) e *A América Latina* (1907) ambos refutam os trabalhos de Teófilo Braga e Manuel Bonfim, *Zeveirissimações ineptas da crítica* (1909) e *Minhas contradições* (1914) utilizado como resposta as críticas de José Veríssimo e Laudelino Freire e A obra *Machado de Assis* (1897).

E com uma experiência de quarenta anos consecutivos exercidos na crítica, Romero na *História da literatura brasileira* afirma que embora vários autores falem do conceito de crítica, cada um terá uma visão diferenciada a respeito e por isso é difícil defini-la.

Estes anos que passaram foram importantes para observar a evolução da crítica que tinha sido em alguns momentos confundida com a estética do texto. Por este motivo caracterizou a crítica Francesa como muito estreita, pois os trabalhos tratavam de gramática e retórica. Foi possível pelo tempo, perceber a crítica de diversos ângulos e como foi conceituado por cada um (no campo literário, científico, jurídico ou religioso).

Por fim define a crítica como sendo uma análise qualquer obra, seja a *História da literatura inglesa* de Taine ou a *História da literatura francesa* de Jouleville. Em sua *História da literatura brasileira* diz “Se aprecio, estudo, analiso os livros que deles escreveram, faço no caso, obra de crítica” p.341

Além da crítica a figura de Romero também foi de extrema importância para caracterização da identidade brasileira, pois com base no processo histórico social e

econômico, Romero constituiu um reflexo para formação de uma nacionalidade. Seu valor literário está atribuído não especificamente a crítica, mas a conscientização e busca pela identidade nacional. E em seus estudos para busca de características distintas de outros povos, vê-se o quanto ele incorpora um caráter nacionalista. Por esta preocupação com o Brasil e desejo de mudança faz-se o conhecimento das idéias e obras do sergipano que revolucionou a literatura brasileira.

4. HISTÓRIA DA LITERATURA BRASILEIRA E A CONSTRUÇÃO DO ESPÍRITO CULTURAL NACIONALISTA

Aos 37 anos de idade, Sílvio Romero publica um trabalho que foi o esboço do desenvolvimento histórico de um povo e construção da história literária do país, por isso ocupa um dos primeiros lugares na literatura brasileira. A *História da literatura brasileira* é um livro fundamental que abrange os aspectos da cultura literária do país e aponta os elementos que integraram a vida brasileira, a contribuição das raças e as influências do ambiente. Nele há uma linha divisória que traça o desenvolvimento e crescimento do pensamento tipicamente brasileiro que foi conquistado sob uma visão nacionalista e muito esforço para provar a existência de uma autonomia na literatura do Brasil.

Foi em 1888 a publicação dos dois primeiros volumes da História da literatura brasileira, nele continha a história desde o século do descobrimento até 1870. Apesar de não concluído, o livro já era o mais completo acerca da história literária brasileira. Apesar da dimensão da obra, está possuía alguns erros e foi reeditada, dando origem a mais 01 volume. A obra completa compreende 05 volumes com 1823 páginas reeditadas por seu filho, o professor Nelson Romero, que aproveitou os pensamentos do autor, conservou o que já havia sido publicado anteriormente, corrigiu alguns erros, juntou novas contribuições e acrescentou-as com muito cuidado para não modificar o pensamento original da obra. O livro inicia-se com trabalhos estrangeiros e nacionais sobre a literatura brasileira, a filosofia de Buckle e o atraso do povo brasileiro, as contribuições do meio, raça, tradições populares, influências estrangeiras, fator antropológico (Índio, negro, português), seguido dos Poetas, Cronistas e situação do país nos fins do século XVI, bem como, Escola Baiana, poetas e escritores da primeira metade do século XVIII. Nele também faz observações acerca da Escola Mineira, Belas Artes, Ciências Naturais, Historiadores, Economistas, juristas, publicistas, oradores, moralistas, biógrafos, teólogos e literatos. Descreve e ao mesmo tempo critica o romantismo, dividindo-o em fases, na primeira está o emanuelismo de Gonçalves de Magalhães e seu grupo, na segunda fase do romantismo tem-se o momento culminante: o indianismo de Gonçalves Dias, a terceira fase inclui o subjetivismo de Álvares de Azevedo, na quarta fase o sertanejismo dos poetas do Norte, a quinta fase compreende o lirismo específico de Pedro Luís e Fagundes Varela, na sexta e última

fase abrange o condoreirismo de Tobias Barreto e Castro Alves. Todos estes na poesia. Já na Prosa inclui Macedo, Alencar, Manuel de Almeida, Pinheiro Guimarães, Franklin Távora, Taunay e Machado de Assis além de reações anti-românticas na poesia e evolução do lirismo. Ainda inclui artigos de João Ribeiro, Lopes Trovão, Tito Lívio de castro, José do Patrocínio, O barão do Rio Branco, Joaquim Nabuco, Farias Brito, Nestor Vítor e Euclides da Cunha.

4.1. Sílvio Romero e sua grande obra

A História da literatura brasileira do Sr. Sílvio Romero é com certeza um dos livros mais originais, ou pelo menos mais pessoais, mais sugestivos, mais copiosos de opiniões e idéias, mais interessantes, de mais veia e temperamento que jamais se escreveram no Brasil. (VERÍSSIMO, 1857-1916, p.112)

Sílvio Romero ao analisar os trabalhos históricos que circulavam na sociedade percebe a ausência de uma obra que esboce a própria situação política, social e econômica. *Le Brésil Littéraire* (1863), do escritor austríaco Ferdinand Wolf, era uma obra oficialmente utilizada nos cursos, mas possuía um quadro incompleto da literatura. Outros estrangeiros, tais como: Bouterwek, na História da literatura Portuguesa (1804), Sismondi, em Literaturas do meio-dia da Europa (1819), Ferdinand Denis, no Resumo da História da literatura de Portugal (1825) e Almeida Garret em Bosquejo da História da Poesia e da Língua Portuguesa (1826) também traçaram a história das letras no Brasil, a contribuição de autores nacionais era limitada a pequenos ensaios, monografias ou análises de escritores favoritos.

Foi por esta razão que Sílvio Romero desejou escrever algo com o propósito de criar algo nacional. “Tudo quanto há contribuído para a diferenciação nacional, deve ser estudado, e a medida do mérito dos escritores é este critério novo.” (ROMERO, 1980, p. 54). Iniciou um estudo sobre a formação do povo brasileiro para colher aspectos que lhe rendessem um trabalho naturalista. Analisou o critério popular e étnico para explicar o caráter nacional. E também o positivismo e evolucionismo para tratar as relações do Brasil com a humanidade em geral.

Percebeu que havia duas fases no problema histórico e literário do Brasil. A primeira é influenciada pelo momento europeu e a outra pelo meio nacional.

Em 1843, Carlos Frederico Filipe de Martius preparou a seguinte dissertação *Como se deve escrever a história do Brasil*. Um trabalho interessante que tem um ponto de vista etnográfico e alguns elementos do povo brasileiro, mas não dá nenhum esclarecimento sobre o problema do mestiço.

Henry Thomas Buckle publicou em 1857, *Civilização na Inglaterra*. Influenciado por Comte, Whewell e Mill. A partir da metafísica aprendeu a valorizar a influência das circunstâncias inferiores e declarou-a ineficaz, substituindo-a pelos processos fundamentais das ciências naturais. Discutiu o desenvolvimento das civilizações primitivas. Ele também citou o fenômeno dos ventos gerais e sua contribuição na formação da natureza brasileira, pois estes ventos produziam intensa umidade que adicionada ao calor formavam as vegetações e florestas; ambiente propício a uma variedade de animais, insetos e beleza inigualável, mas não restava nenhum lugar ao homem. Por isso, segundo Buckle o Brasil não se desenvolveu.

“Entre esta pompa e esplendor da natureza porém nenhum lugar foi deixado para o homem!... É reduzido à insignificância pela majestade que o cerca. As forças que se lhe opõem são tão formidáveis que ele nunca foi apto a lhes fazer frente, nunca foi capaz de resistir à sua acumulada pressão. O Brasil todo, a despeito de suas inúmeras vantagens aparentes, tem permanecido inteiramente inculto, vagando seus habitantes selvagens e impróprios para resistir aos obstáculos que a generosidade da natureza pôs em seu caminho.”
(apud ROMERO, 81)

Sílvio Romero criticou a teoria dos ventos gerais de Buckle, pois o problema do Brasil não era a umidade e excesso de chuva, mas o calor e a falta dela. O autor publicou estas considerações a respeito do Brasil sem nunca tê-lo conhecido, baseado apenas em narrações fantásticas dos viajantes. Buckle equivocou-se ainda neste trabalho, quando descreveu fenômenos inexistentes no Brasil como os vulcões, tremores de terra e furacões, além de características exageradas como rios extensos, matas impenetráveis e país montanhoso, animais gigantes e ferozes. Romero não pôde calar-se diante de tantas falhas, pois são poucos os rios que têm grande extensão, apenas o Amazonas, São Francisco e Prata, o país é pouco montanhoso e aqui não há animas como os gorilas, tigres, leões ou girafas. Ainda afirmou que a questão do clima não é um fator que influenciasse definitivamente no desenvolvimento de um país, já que muitas nações tinham excelentes fatores climáticos e não eram considerados desenvolvidos.

O Brasil é um país tropical e deve ser tratado desta forma, não como alguns autores europeus os descrevem. *“Certos autores europeus acostumados a tratar dos climas inóspitos das colônias que suas nações possuem na zona tórrida da África, Ásia e Oceania, falando do Brasil, são levados, se mais vexame, a aplicar o que só é verdadeiro daquelas regiões.”* (ROMERO, 1980, p.90)

O clima quente do país é favorável a várias infecções do tipo: meningite, colite, hepatites e disenterias. E a este fator Sílvio Romero atribui a escassez intelectual brasileira, pois em um país onde havia tanto martírio, a produção só poderia ser rara, já que muitos poetas morriam prematuramente.

Cada vez mais Sílvio Romero sentia o desejo de produzir uma literatura que retratasse o lado positivo do meio com características verídicas a respeito do país. E desde já inicia uma tentativa de caracterização do Brasil, distinguindo-o dos demais.

E a partir de Buckle e Gervinus passou-se a estudar a ação dos distintos meios sobre os mais variados povos; a partir de Taine e Renan, admitiu-se além disso a influência de raças distintas nas criações religiosas e artísticas.

Sílvio Romero passa a estudar as raças que formaram a nação brasileira, destacou em 1º lugar o português por contribuir com a civilização da população; outra raça foi o indígena que vivia da caça e pesca e possuía domínio sobre a cerâmica e por fim o negro que se adaptou ao meio, e a ele deve-se muito, pois pelos laços que criou cruzou muito mais com o branco. E estes cruzamentos geraram no Brasil um povo mestiçado. *“O mestiço é o produto fisiológico, étnico e histórico do Brasil; é a forma nova de nossa diferenciação nacional”* (ROMERO, 1980, p. 120).

Nas suas páginas sobre folclore são as raças e a mestiçagem que determinam em última instância a natureza dos gêneros e o conteúdo dos exemplos colhidos. E se na obra capital, a História da Literatura Brasileira, amplia a faixa de componentes genéticos da literatura, somando aos hereditários os mesológicos e propriamente culturais. (BOSI, 2006, p.250)

A fusão das raças deixou como herança tradições populares que Sílvio Romero Também viu como característica própria da cultura brasileira. Observou tradições intelectuais deixadas pelos índios, danças com diversos instrumentos musicais, uso de plantas medicinais e lendas. Além da cultura africana trazida pelos negros, palavras de origem luso-brasileiras e africanas que enriqueceram nosso

vocabulário, da primeira ficou moquear, tabaréu, etc. e da segunda herdou-se batuque, cafuné e etc.

Sílvio Romero relacionou a falta de trabalhos literários com a miséria que a população encontrava-se. Já que os livros eram muito caros e os cursos estavam espalhados em cidades distantes. Além disso, a carreira literária não trazia vantagem e por isso sentiu a necessidade de criar uma nova fase do pensamento nacional.

A nação brasileira não tinha uma forma própria, uma individualidade característica. A vida intelectual resumia-se em imitar desordenadamente tudo que era estrangeiro. Para Romero o nacionalismo não estava apenas na descrição das manifestações culturais como o Xiba, bumba-meu-boi ou o samba, mas deve estar “no sentimento original, no sentir especial do brasileiro” (ROMERO, 1980, p.148).

Conforme seu estudo o fenômeno mais importante das criações populares foi o mestiçamento, com isso se deu a transformação da língua portuguesa no Brasil. Fenômeno que chamou a atenção para o fato da justaposição de versos tupis e portugueses no folclore poético. *“Daí o valor conferido às fontes populares. Nelas, Sílvio encontraria o processo de mestiçamento brasileiro como base da formação nacional”* (MOTA, 2000, p.41).

Na História da literatura brasileira, Sílvio também descreve detalhadamente as músicas, danças e ornamentos utilizadas em algumas regiões do Brasil. “O folguedo da Trança” é uma espécie de reisado, “O brinquedo do maracujá” tem como principal atrativo a música e é realizado em uma sala enfeitada de arbustos, “A dança da Sereia” é uma festa animadíssima ao som de música, “O folguedo das belas frutinhas” e “O engenho”. Através destas descrições populares faz um comentário sobre os erros dos críticos, em especial os portugueses, que confundem poesia popular com modinhas. Para Romero poesia popular são os romances, xácaras, orações, reisados, cheganças e os versos gerais. Por modinha ele caracteriza os lundus e canções devidas a poetastros. *“Na História da literatura brasileira, toma a literatura como expressão da raça e do povo, e relaciona o seu surgimento à ação diferenciadora do mestiço”* (VENTURA, 1991, p.48)

O estudo de Sílvio Romero atravessou várias fases, desde os primitivos que vieram da caça e pesca até chegar ao povo civilizado, de cultura vasta e período industrializado. Para conhecer o povo foi necessário sondar as origens.

Está investigação inicia pelo índio, por representar o elemento mais antigo da população. Os naturalistas do século XIX não se preocupavam com as questões sociológicas, apenas estudavam a língua e os costumes. As questões a que Sílvio Romero preocupou-se foi o estado de cultura do índio, suas qualidades sociais, e como ele entrou na formação do povo brasileiro. Através do estudo das origens, concluiu que foi uma raça que vivia da caça e pesca, moravam em palhoças de paus e ramos e pela dificuldade de subsistência, muitas tribos com o passar dos tempos tinham desenvolvido o canibalismo.

Com relação aos negros, defende-os dos preconceitos, pois foi um fator africano essencial e predominante na formação brasileira. Assemelha-se ao índio na condição de pastor e realização dos trabalhos agrícolas. Buscou suas tradições, culturas, povos e meios de sobrevivência. Dos negros existentes no Brasil, o maior grupo proveio de um grupo denominado de *banto* e os outros foram os *Cafres*, e seus representantes *Zulus*, *Matebeles*, *Macololos*, *Bectuanas*, *Damaras*, *Herreros*, *Ovambos* e *Amboelas*.

E por fim foi o português que segundo Romero 246 foi o principal fator da nacionalidade pela civilização das raças.

“De um modo ou de outro, a mestiçagem, segundo ele, é responsável pelas particularidades do caráter brasileiro e, portanto, da nossa literatura” (CÂNDIDO, 2006, p.168). Através das pesquisas Sílvio Romero deduziu que a literatura brasileira é resultante de três fatores fundamentais: o meio, a raça e as correntes estrangeiras.

Pelo meio ele entendeu como os aspectos gerais da natureza, o clima, a temperatura, a constituição geológica e geográfica do país. O meio influenciou nas condições estéticas e literárias pela diversidade de belezas que encontravam-se no território: costas, matas, montanhas, planaltos, chapadas, campos tabuleiros, rios e lagos. Cada um com sua beleza fazem despertar o talento dos poetas.

O constante aspecto primaveril das árvores, das várzeas, das montanhas, do céu, de tudo que nos cerca, imprimiu, por outro lado, em nosso senso estético as duas qualidades que melhor o distinguem: a efusão lírica na poesia, o colorido vivo da paisagem na pintura. Lirismo e paisagem são, destarte, as notações mais vivazes da nossa capacidade artística. (ROMERO, 1980, p.276)

O clima além de contribuir com as belezas naturais, favoreceu as culturas estáveis. Com isso os povos puderam a partir da lavoura da cana, tabaco, mandioca, arroz, feijão, milho, batata e banana possuir uma base econômica. Depois com o descobrimento dos campos, tabuleiros e chapadas, constituiu-se uma zona criadora de gado que competiram com os engenhos de açúcar e por fim o ciclo do café.

No segundo Tomo, Sílvio Romero como um grande intelectual que foi, necessitou conhecer minuciosamente no tempo e no espaço os trabalhos que foram difundidos até aquela época. Para formatar suas idéias e saber a real carência intelectual da literatura brasileira. Por isso a partir deste volume faz uma descrição de suma importância de todo processo histórico literário, baseado no estudo de autores variados, desde o período da colonização. Com esta investigação destaca a importância dos cronistas do século XVI, pois através deles percebe-se a descrição da natureza e do selvagem na literatura brasileira e a relação que existiu entre os portugueses negros e índios, além dos costumes e tradições adotados por cada um. Da época das descobertas é possível além de textos, conhecer figuras notáveis como foi o caso do Padre José de Anchieta e obras de Teixeira Pinto.

Descreveu cada século de forma minuciosa, suas evoluções, contribuições e descobertas. Apontou o século XVII como um momento crítico, pelas nações estrangeiras investirem contra a nova colônia. “Na luta contra os estrangeiros acrisola-se o sentimento nacional” (ROMERO, 1980, p.364). Neste momento aparecem poetas, oradores e novos cronistas. Agora o movimento literário gira em torno de Gregório de Matos. Para Romero, este último foi o fundador da literatura brasileira, por ser filho do país, ter um grande talento poético, e possuir obras de sentido mais nacional. Suas produções têm características sátiras, mas sobretudo foi um bom lirista.

Somente a partir da segunda metade do século XVIII, a literatura incluiu o índio, branco, negro, solo, natureza, lendas e aspirações. Esta tentativa de desenvolvimento intelectual preocupou o governo português e por este motivo tomou algumas decisões que impedissem o progresso. Proibiu as artes e ciências, além da entrada de livros que fizessem brotar talentos brasileiros. “Nosso progresso foi, pois, conquistado quase sempre a esforços nossos, amassado com as nossas lágrimas e com o nosso sangue”. (Romero, 1980, p.410)

Sobre uma visão étnica valorizou *O Caramuru* (1781) de Santa Rira Durão, considerando-o o poema mais brasileiro que se possui até sua época pelo problema étnico que nele aparece.

Segue a cada instante narrando o avanço cultural e intelectual do país, em sua análise divide a Escola mineira em Poesia cômico-satírica e Poesia lírica, na primeira cita as Cartas Chilenas e as suas características e atribui a autoria a Alvarenga Peixoto pelo estilo de escrita. Ainda nesta Escola, não esquece de Silva Alvarenga, Padre José Gomes da Costa Gadelha, Francisco de Melo Franco, Joaquim José da Silva, João Pereira da Silva e Antônio Mendes Bordalo. Já a Poesia lírica acontece concomitantemente com o terceiro momento do Renascimento, época de imitação da Antiguidade.

Romero conduziu sua obra analisando cada poeta em seu momento histórico, citou o brasileiro Cláudio Manuel da Costa, poeta melancólico, mas com versos doces e uma característica lirista subjetivista. Possuía habilidade para descrever o mundo do pensamento e da sensibilidade, por este atributo foi pouco lido. Permaneceu com sua análise e descrição de vários poetas, desde os mais conhecidos aos que não foram tão notórios a literatura brasileira. Viu Inácio José de Alvarenga Peixoto como superior por ser do plano da imaginação. E Tomaz Antônio Gonzaga como o mais célebre dentre os poetas mineiros, por ser responsável pela encarnação do lirismo amoroso no Brasil. Ele que com idéias claras e suavidade de expressão, foi um dos poetas mais lidos desta língua, autor de liras que foram um completo trabalho naturalista e de “Marília de Dirceu”.

Manuel Inácio da Silva Alvarenga “Era um mestiço e o mais ardente dos nossos líricos do século XVIII” (ROMERO, 1980, p.467) Ele que possuiu um espírito satírico e liberal, também amou as doutrinas enciclopedistas. Alguns críticos chegaram a compará-lo com Gonzaga pelo brasileiro encontrado em seus versos, porém Romero afirmou que o paralelo não pode ser feito pelos estilos distintos adotados por eles. Seu estudo também incluiu Caldas Barbosa, Domingos Vidal Barbosa, Bartolomeu Antonio Cordovil com suas odes e ditirambos e Bento Teixeira Aranha. Baseado no exame minucioso de todos estes autores e épocas, Romero pode descrever momentos históricos importantes tais como: Independência da Pátria, emancipação dos escravos, conjuração mineira. E ainda aumentar seu conhecimento literário para lutar por um momento decisivo para a constituição de

uma literatura tipicamente nacionalista, para isso foi necessário conhecer as obras e escritores até aquele momento.

Em sua análise acerca da poesia religiosa e patriótica, reclamou da falta de sermões, mas descreveu a forma de escrita de Antônio Pereira de Sousa Caldas como áspero nas expressões e com raros recursos líricos, Frei Francisco de São Carlos como o mais significativo, sem nunca ter saído do Brasil, Frei Francisco de Santa Teresa de Jesus Sampaio, Frei Joaquim do Amor Divino Caneca, José da Natividade Saldanha, Padre Januário da Cunha Barbosa, Francisco Xavier de Santa Rita Bastos Baraúna, Francisco Ferreira Barreto e Frei Francisco de Montalverner.

Além dos documentos, Romero também possuía uma visão das Belas-Artes e os seus destaques. Elas abrangem desde a música até as pinturas de teto e quadros. Na pintura obteve grande destaque José Joaquim da Rocha e seus discípulos que coloriram os tetos de algumas igrejas, decoraram a casa das armas e quadros famosos.

Em uma fase da história que o desenvolvimento literário não era estimulado, Romero observou o estudo das ciências naturais, a descrição do trabalho naturalista do Fr. José Mariano de Conceição Veloso e Flora Fluminense como documento de contribuição intelectual.

É apenas no final do século XVIII e início do século XIX Romero percebeu que a literatura deixou de ser apenas descrição bibliográfica e passou a constituir base fundamental para o conhecimento das riquezas naturais do país.

De todas as fases do romantismo abordadas por Romero o ponto culminante está na fase indianista inaugurada pelo talentoso Gonçalves Dias (na poesia), seguido do ilustre poeta José de Alencar (na prosa). Ambos tentaram dar uma vida própria a literatura brasileira, evitando os moldes portugueses.

O autor de Marabá, da Mãe-d'Água, do Leito de Folhas Verdes, do Gigante de Pedra, do I Juca-Pirama, dos Timbiras, que é também o autor das Sextilhas de Frei Antão, isto é, o autor do que há de mais nacional e do que há de mais português em nossa literatura, é um dos mais nítidos exemplares do povo, do genuíno povo brasileiro. É o tipo de mestiço físico e moral de que tenho falado repetidas vezes neste livro. Gonçalves Dias era filho de português e mameluca, quero dizer, descendia das três raças que constituíram a população nacional e representava-lhe as principais tendências. (ROMERO, 1980, p.917)

Romero expressou seu pensamento sem preocupar-se com os críticos, defendeu Gonçalves Dias como um genuíno brasileiro, discutiu este ponto insistentemente, pois o indianismo da obra de Dias foi necessário para arredar as imitações européias das produções literárias brasileira.

5. CONCLUSÃO

Diante de tudo que foi exposto, percebeu-se que o país ao longo do século XIX e início do século XX enfrentou uma forte influência estrangeira em suas produções literárias, a população era formada por uma grande quantidade de analfabetos e não havia interesse das autoridades em reverter esta situação. Preocupado com isso e com o desejo de tirar o Brasil do atraso intelectual em que vivia, Sílvio Romero resolveu buscar algo novo e original, que fosse característica específica de um povo. Em meio a seus estudos tentou definir o caráter de nacionalismo, valorizando os aspectos culturais, o folclore, as lendas, os mitos, os contos, as poesias populares e o mestiço. Dessa forma conseguiu chegar as origens do povo e encontrar características da formação brasileira.

Aqui também foi possível conhecer a trajetória do gênio Sílvio Romero, conhecer sua infância, sofrimento e conquistas. Um homem que nasceu em uma cidade ainda muito pouco conhecida, dedicou-se aos estudos, formou-se em Direito e mudou-se para o Rio de Janeiro onde conseguiu modificar o semblante nacional, em um momento de tentativa de modernização dos fenômenos intelectuais do país.

Além do nacionalismo foi possível notar outro forte aspecto do escritor; a capacidade de crítica que acompanhou seus textos por aproximadamente meio século, neste período não mediu palavras ou poupou esforços para atacar dirigentes políticos, tendências literárias e correntes filosóficas, a fim de disseminar suas idéias e defender os interesses nacionais. Apesar de criticar até escritores que hoje são considerados renomados, como foi o caso de Machado de Assis, não foi perfeito, também teve algumas falhas que foram apontadas por outros escritores. Em alguns momentos foi incoerente, pois seu pensamento oscilou entre o mestiçamento e o branqueamento, mas não interferiu no desenvolvimento de seus trabalhos.

Dentre todas suas obras, Sílvio Romero deixou-nos uma que aponta os elementos que integram aspectos característicos da literatura brasileira, a *História da literatura brasileira*, um livro fundamental na qual apresenta detalhadamente as músicas, danças, contos populares, as modinhas, cantigas e ornamentos que eram utilizadas em algumas regiões do Brasil, servem para preservar de forma documentada as tradições encontradas no país. O estudo de Romero atravessou diversas fases, desde os primitivos até o momento em que se encontrava, para definir as características que definiram a originalidade da literatura brasileira e o

tornou seu trabalho um dos mais autênticos entre os que tinham sido publicados até a virada do século XX.

Suas investigações predominaram no campo da cultura popular e da literatura, participou de vários movimentos e polêmicas, mas obteve destaque dentre os escritores da geração de 1870. Assim como os poetas de seu tempo viu a produção literária como indicador de nacionalidade, por isso sua obra envolve os aspectos que estão agregados as vozes populares e conseqüentemente a cultura nacional.

Por isso, a História da literatura brasileira (1888) foi de fundamental importância para os estudos literários, por representar o desenvolvimento histórico e cultural da nação, e envolver os aspectos literários que provaram a originalidade das características do povo brasileiro.

6. REFERÊNCIAS

COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil*, 5 ed. São Paulo: Global, 2002. p.39-62. V 4.

MOTA, Maria Aparecida Rezende. *Sílvio Romero – dilemas e combates no Brasil da virada do século XX*, Rio de Janeiro: FGV, 2000.

ROMERO, Sílvio. *História da literatura brasileira*. 7 ed. Rio de Janeiro: J. Olympio; Brasília:INL, 1980

CANDIDO, Antonio. *O método crítico de Sílvio Romero*, 4 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

RABELLO, Sylvio. *Itinerário de Sílvio Romero*. Rio de Janeiro: Editora... , 1944.

CARVALHO, Ana Conceição Sobral de, ROCHA, Rosina Fonseca. *Sílvio Romero e a Sergipanidade*. Impressão gráfica Editora Ltda, Séc, 2004

SOUZA, Ricardo Luiz de. *Revista de História Regional* . Versão 2004

SOARES, Macedo. Instinto de Nacionalidade. In:_Crítica literária.Obras, v.29, p.132

VERISSIMO

VENTURA